

# A REFERÊNCIA HISTÓRICA PARA O CONCEITO DE INCONSCIENTE EM KANT: A REPRESENTAÇÃO OSCURA EM LEIBNIZ E BAUMGARTEN

## THE HISTORICAL REFERENCE FOR THE UNCONSCIOUS CONCEPT IN KANT: THE OBSCURE REPRESENTATION IN LEIBNIZ AND BAUMGARTEN

Aline Brasiliense dos Santos Brito<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar o conceito de inconsciente em Kant, tendo em vista a concepção de Leibniz e Baumgarten como duas referências históricas importantes na formulação deste conceito. Para Leibniz, o campo do inconsciente é o *confuso* ou *obscuro*, e para Baumgarten, o *reino das trevas*, que constitui o *fundo da alma*. Segundo estes dois autores, o ‘inconsciente’ ou o ‘obscuro’ é característico da faculdade inferior, a sensação. Por sua vez, para Kant, o inconsciente é definido como um gênero amplo de representações presente no campo teórico, prático e estético, concepção que representa um diferencial com relação a estes dois filósofos que lhe antecederam nesta discussão.

**Palavras-chave:** Inconsciente. Obscuro. Referência. Kant. Leibniz. Baumgarten.

**Abstract:** This article aims to present the concept of the unconscious in Kant, in view of the conception of Leibniz and Baumgarten as two important historical references in the formulation of this concept. For Leibniz, the field of unconscious is the *confused* or *obscure*, and for Baumgarten, the *kingdom of darkness*, which is the *foundation of the soul*. According to these two authors, the ‘unconscious’ or ‘obscure’ is characteristic of lower faculty, the sensation. In turn, for Kant, the unconscious is defined as a broad genre representations present in field theorist, practical and esthetic, conception which represents a differential with relation to the two philosophers who preceded him in this discussion.

**Keywords:** Unconscious. Obscure. Reference. Kant. Leibniz. Baumgarten.

### 1. Introdução

Os estudos mais recentes acerca da obra de Kant vêm colocando em relevo o conceito de inconsciente como aquele que assume um papel de cada vez mais destaque dentro da sua filosofia. A esse respeito, podemos citar alguns autores, como é o caso de La Rocca (*L'intelletto Oscuro. Inscio e Autocoscienza in Kant*, 2007), Heidemann (*The 'I*

---

<sup>1</sup> Graduada em filosofia pela Universidade Federal do Pará; Mestranda bolsista em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Orientador: Prof. Dr. Luís Eduardo Ramos de Souza. E-mail: alinebrasiliensedebrito@hotmail.com.

*Think' must be able to accompany all my representations*, 2012) e Rohden (*Representações não-conscientes em Kant*, 2009).

A maioria destes trabalhos frisa a importância dos antecedentes históricos que Kant considera para formar uma concepção própria acerca de um conceito de inconsciente. Dentre estes antecedentes, podemos situar dois filósofos centrais apontados em geral pelos comentadores: Leibniz e Baumgarten<sup>2</sup>. O retorno a estes dois autores, apresenta uma importância que pode ser explicitada em dois pontos: 1) introduz a discussão acerca de uma representação inconsciente na modernidade que será uma questão retomada por Kant e também por outros filósofos (por exemplo, Meyer, Maimon, Hartmann, etc.); 2) destaca alguns conceitos que Kant refletirá posteriormente de forma crítica em relação àqueles dois autores, tal como é o caso do *obsuro e confuso*.

Quanto ao ponto '1', podemos afirmar que Leibniz é o primeiro a introduzir a discussão acerca de uma representação inconsciente para os filósofos de linha racionalista<sup>3</sup>, constituindo assim, um autor de fundamental importância para nossa discussão. Partindo do termo obscuro, Leibniz indicará a presença de percepções inapercebidas numerosas na alma humana. Por sua vez, Baumgarten, influenciado pela filosofia de Leibniz, também conservará o termo obscuro e indicará a presença de um 'fundo da alma', onde residem certas percepções que não são conscientes ao ser humano. Essa concepção é apresentada mais apropriadamente na obra *Metafísica*, que Kant utilizará por vários anos como referência para a elaboração de uma disciplina a ser ministrada, a Antropologia<sup>4</sup>. No que se refere ao ponto '2', pode-se destacar que os termos *obsuro* e *confuso* são dois conceitos recorrentes na obra de Kant, os quais são apresentados por Leibniz e Baumgarten como algo que expressa uma espécie de 'falta' ou privação referente sempre a sensação. Kant discorda dessa concepção, e apesar de utilizar os mesmos termos, reserva certa postura crítica quanto a eles que apresentaremos ao longo do artigo.

Além de rever criticamente os conceitos de obscuro e confuso, Kant introduz na discussão o conceito de inconsciente (*unbewusst*), o qual ganha autonomia como um gênero próprio de representações, diferenciando assim a sua concepção da de Leibniz e Baumgarten. Em Kant, o sentido de falta ou deficiência, que Leibniz e Baumgarten

---

<sup>2</sup> Ver ROCCA (2007), MADRID (2012), HEIDEMANN (2012) e MARTINEZ (2014).

<sup>3</sup> HEIDEMANN, 2012, p. 39.

<sup>4</sup> ROCCA, 2007, p. 76.

apontam como característico da representação obscura, cede lugar a uma concepção positiva do inconsciente, enquanto representações produtivas e numerosas que se estendem tanto ao âmbito da sensação, quanto ao campo teórico, ao prático e ao estético<sup>5</sup>.

## **2. O conceito de inconsciente em Leibniz: representações confusas e obscuras**

Em sua obra *Monadologia*, Leibniz coloca a existência de determinadas percepções inapercebidas, ou seja, percepções ‘desprovidas de consciência’, ou sem ‘apercepção’<sup>6</sup>. São percepções das quais não temos consciência, por duas razões: a) pela *falta* de atenção devida à percepção; b) por serem percepções indistinguíveis em meio a tantas outras. No primeiro caso, a atenção não é dirigida à percepção pela falta do atrativo da *novidade*<sup>7</sup>, como é o exemplo do moinho ou de uma queda d’água, os quais não são mais notados quando alguém mora por muito tempo ao lado, neste caso, as impressões continuam a afetar o espírito, porém “(...) não são suficientemente fortes para atrair a nossa atenção e a nossa memória, ocupada com objetos que chamam mais a atenção”<sup>8</sup>. No segundo caso, trata-se de percepções muito ínfimas e indistinguíveis na multidão de tantas outras pequenas percepções:

Para melhor julgar sobre as pequenas percepções que somos incapazes de distinguir em meio a multidão delas, costumo utilizar o exemplo do bramido do mar, que nos impressiona quando estamos na praia. Para ouvir este ruído como se costuma fazer, é necessário que ouçamos as partes que compõe este todo, isto é, os ruídos de cada onda, embora cada um desses pequenos ruídos só se faça ouvir no conjunto confuso de todos os outros conjugados, isto é, no próprio bramir, que não se ouviria se esta onda que o produz tivesse sozinha. Com efeito, é necessário afirmar que somos afetados, por menos que seja, pelo movimento desta minúscula onda, e que temos alguma percepção de cada um dos seus ruídos, por menores que sejam; se assim não fosse, não teríamos a percepção de cem mil ondas, pois cem mil ondas nunca poderiam produzir alguma coisa.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> Convém observar que esta divisão meramente formal entre o campo da sensação e o campo teórico, prático e estético é um recurso admitido e comumente utilizado nos estudos acerca do conceito de inconsciente em Kant, tal como é o caso de La Rocca (2007, p. 82) e Rohden (2009, p. 3 e 7).

<sup>6</sup> *Monadologia*, §14

<sup>7</sup> *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, 1980, p.12.

<sup>8</sup> *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, 1980, p.12.

<sup>9</sup> *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, 1980, p.12.

Assim, estas pequenas percepções, que embora existentes não se tornam conscientes, Leibniz designará também como ideias *obscuras*<sup>10</sup>. Os *Novos Ensaios* apresentam uma divisão entre ideias claras e obscuras, a primeira como sendo aquela suficiente para reconhecer algo e distingui-lo entre outros e, a segunda, como sendo incapaz disso. No ensaio *Meditationes de cognitione, veritate et ideis* (1684), o conceito de obscuro novamente aparece com uma definição semelhante a dos *Novos ensaios*, pois a “Noção obscura, é aquela que não é suficiente para reconhecer um objeto representado”<sup>11</sup>, ou seja, é aquela percepção desprovida de ‘apercepção’, conforme a definição já fornecida pela *Monadologia*.

Nesses termos, a tarefa de se apontar uma concepção do inconsciente em Leibniz estaria assim circunscrita ao conceito de obscuridade, ou seja, das ‘percepções inapercebidas’. Porém, Leibniz aponta para um segundo grupo ou espécie de representações que não são de todo obscuras, mas também não são suficientemente distintas ao ponto de produzirem uma definição conceitual do objeto representado: são as ideias ‘confusas’, que aparecem como uma espécie das ideias claras. Novamente, é no ensaio *Meditationes de cognitione, veritate et ideis*, que Leibniz, mais explicitamente, apresentará uma classificação acerca das ideias ou cognição, conforme a expressão utilizada nesta obra: “A cognição é, portanto, ou obscura ou clara, e a clara, novamente, ou confusa ou distinta, e a distinta, ou inadequada ou adequada, e a adequada, também ou simbólica ou intuitiva (...)” (Tradução nossa)<sup>12</sup>.

Assim, mais precisamente, tem-se que uma ideia *clara* é aquela suficiente para reconhecer um objeto entre os demais; a *distinta* é designada como aquela capaz de distinguir as características particulares de cada objeto, gerando a definição conceitual; a *confusa*, uma ideia clara, porém incapaz de distinguir no objeto o que lhe é particular<sup>13</sup>. São confusas, de acordo com Leibniz, todas as sensações e as ideias que provem dos sentidos. O campo da sensação, ou melhor, das ideias que provêm dos sentidos, é propriamente o âmbito das ideias inconscientes, ou para sermos mais precisos, da ‘confusão’, que é o termo

---

<sup>10</sup> O conceito de obscuro, embora possa ser compreendido como uma ‘falta’, no âmbito metafísico é perfeitamente explicável, pois cada mônada ainda que contenha em si a ideia de todo o universo, expressa apenas *distintamente* o corpo que lhe cabe, (*Monadologia*, §60-62).

<sup>11</sup> LEIBNIZ, 1684, A2- Tradução nossa.

<sup>12</sup> No original, em latim: “Est ergo cognitio vel obscura vel clara, et clara rursus vel confusa vel distincta, et distincta vel inadeguata vel adaequata, item vel symbolica vel intuitiva (...)” (LEIBNIZ, 1684, A2.)

<sup>13</sup> *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, 1980, p. 193.

empregado por Leibniz. Acerca das coisas sensíveis, “(...) não temos ideias completamente claras (...)”<sup>14</sup>, isto porque, embora seja possível diferenciar um objeto de outro, como uma cor da outra<sup>15</sup>, não há clareza suficiente para distinguir o que elas encerram, e assim fornecer uma definição que permita o conhecimento:

Eis por que costumo seguir aqui o modo de falar do Sr. Descartes, para o qual uma ideia poderá ser clara e confusa ao mesmo tempo: tais são as ideias das qualidades sensíveis, afetam aos órgãos, como a da cor ou do calor. Elas são claras, visto que as reconhecemos e discernimos facilmente umas das outras, porém não são distintas, pois não se distingue o que elas encerram. Assim sendo, não é possível defini-las. Só as fazemos conhecer por exemplos, e no resto somos obrigados a dizer que é um não sei quê, até lhes deciframos a contextura<sup>16</sup>.

Assim, tudo o que o campo da sensação permite conhecer dá-se por meio de exemplos, o que inviabiliza um conhecimento por conceitos, ou seja, um conhecimento distinto. Por tal razão, a sensação é sempre incapaz de distinção, e sempre atribuída ao que é obscuro e confuso, enquanto as ideias distintas só podem ser próprias ao intelecto. Conforme explica Leibniz, “(...) As ideias que provêm dos sentidos são confusas (...); ao passo que as ideias intelectuais e as verdades que delas dependem são distintas, sendo que nem as ideias nem as verdades têm sua origem dos sentidos (...)”<sup>17</sup>.

Partindo então dos termos ‘confuso’ e ‘obscuro’, poder-se-ia optar pela redução do primeiro ao segundo, porém, conforme a classificação apresentada por Leibniz, as ideias obscuras constituem um grupo e ideias claras outro, onde a confusão encontra-se como uma espécie da última. Além disso, é o próprio Leibniz que reitera a diferença entre estes dois termos. Filaleto<sup>18</sup>, seu interlocutor nos *Novos Ensaios*, é advertido ao tentar igualar os dois termos em um exemplo em que o conquistador Alexandre, hipoteticamente não teria ideia suficiente para reconhecer um objeto visto em sonho, no caso, uma planta: “(...) se por infelicidade não tivesse tido a ideia suficiente para denominá-la, é evidente que a ideia que

---

<sup>14</sup> *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, 1980, p.192;

<sup>15</sup> *Idem*, 1980, p.192;

<sup>16</sup> *Idem*, 1980, p. 193- itálico nosso;

<sup>17</sup> *Idem*, 1980, p.37.

<sup>18</sup> *Idem*, 1980, p. 193.

teria tido da planta teria sido obscura e imperfeita (prefiro enom-la assim, a enomina-la confusa) (...)”<sup>19</sup>.

Para conceber um âmbito do inconsciente na filosofia de Leibniz é preciso então lidar com a ambiguidade dos dois conceitos, o ‘obscuro’ e o ‘confuso’, e assim admitir dois gêneros de ‘ideias inconscientes’<sup>20</sup>: o primeiro está ligado ao conceito de uma percepção inapercebidas e o segundo, a uma percepção clara, mas que não é suficientemente distinta para se dar a conhecer o objeto.

### **3. O conceito de inconsciente em Baumgarten: o campo do obscuro**

Baumgarten em sua obra *Metafísica* conserva em grande parte Leibniz como uma referência importante, como bem demonstra a observação no prefácio desta obra acerca de sua aceitação da doutrina das mônadas e do princípio da razão suficiente<sup>21</sup>. A presença do termo obscuro, assim como a classificação geral das ideias (clara, distinta e obscura), também fornece a indicação da influência de Leibniz na filosofia de Baumgarten no que se refere particularmente a esse ponto.

Baumgarten fornece uma definição acerca da representação como estando dividida em dois grupos, o campo das percepções claras, ou da luz, e o campo das percepções obscuras – ou das trevas –, que também constitui o *fundo da alma*<sup>22</sup>. O fato de termos representações claras ou obscuras é explicado por Baumgarten pela posição do corpo no mundo, ou seja, é a posição que o corpo ocupa no mundo que definirá se a representação será clara ou obscura, pois é a partir do corpo que a alma representa. As percepções claras podem ser *distintas* ou *confusas*<sup>23</sup>, de acordo com a clareza das notas distintivas. Para ele, a representação *obscura* é aquela que não contém tantas marcas distintivas para diferenciar uma percepção de tantas outras, ou seja, não é suficiente para ‘reconhecer’ algo: “As representações obscuras não contêm tantas representações

---

<sup>19</sup> *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, 1980, p. 193- sublinhado nosso.

<sup>20</sup> Conforme a proposta de Heidemann (2012, p. 42-43), “Leibniz distingue basicamente entre duas espécies de ideias inconscientes. Primeiramente, ideias inconscientes são ideias obscuras. (...). Posteriormente, ideias inconscientes são ideias confusas, ideias claras que permitem a diferenciação, todavia, não de um modo distinto que exija o conhecimento da natureza de algo (...)” (Tradução nossa)

<sup>21</sup> Conforme os comentários dos tradutores e editores Courtney D. Fugate e John Hymers, à edição inglesa *Metafísica* de Baumgarten (2014, p. 13).

<sup>22</sup> *Metafísica*, §514

<sup>23</sup> *Estética*, §15;

de marcas distintivas quantas possibilitem reconhecer o objeto representado e distingui- los outros; por outro lado, as representações claras contêm-nas (por definição) (...)”<sup>24</sup>

Já o termo confuso, requer um esclarecimento adicional. Uma representação confusa, que é uma subdivisão da representação clara, é aquela cujas marcas distintivas são *indiscerníveis*. Não é possível em uma percepção confusa distinguir com clareza uma percepção de outra, no entanto, é possível que o indivíduo ao menos *represente* para si as marcas distintivas do objeto percebido, caso contrário, não haveria de forma alguma sequer a percepção da diferença, ainda que confusa, de um objeto de outros. Baumgarten trabalha assim com uma forma peculiar para conceber uma percepção confusa: as marcas distintivas são *indiscerníveis*, porém são ao menos *representáveis*, ou seja, são parcialmente claras e parcialmente obscuras, “(...) aquele que pensa de modo confuso alguma coisa representa certas coisas para si mesmo de modo obscuro”<sup>25</sup>. A indicação de um componente obscuro na própria representação clara, aponta assim, para uma concepção relativamente mais positiva do inconsciente<sup>26</sup>, no sentido de contribuir de alguma forma para o campo da clareza, ainda que o obscuro continue referido a uma falta, ou a um defeito atribuído a sensação.

Segundo Baumgarten, o campo da obscuridade e da confusão é ainda característico de uma faculdade inferior de conhecer como é o caso do campo das representações sensíveis, que embora possam conter marcas distintivas, são essencialmente obscuras:

(...) Segue-se que a obscuridade é um grau menor do conhecimento, enquanto que a clareza é um grau mais elevado, e, pela mesma razão, a confusão é um grau menor do conhecimento, ou ainda, um grau inferior, enquanto que a distinção é um grau maior ou então um grau superior. A faculdade de conhecer alguma coisa de modo obscuro e confuso, ou então de modo indistinto, é, pois a faculdade do conhecimento inferior. Minha alma, portanto, dispõe de uma faculdade do conhecimento inferior<sup>27</sup>.

Baumgarten utiliza assim, como forma de distinguir entre faculdades inferiores e superiores, o critério da clareza e da obscuridade, onde a representação obscura e confusa é própria da sensibilidade e, por sua vez, a representação clara e também distinta é

---

<sup>24</sup> Idem, §13;

<sup>25</sup> *Metafísica*, §510.

<sup>26</sup> ROCCA, 2007, p. 72.

<sup>27</sup> Idem, §520-tradução nossa.

característica do intelecto. O que é sensível deve ser empregado no que se refere ao domínio das representações obscuras, para que estas sejam “(...) distinguidas das representações intelectuais distintas, segundo todos os graus possíveis”<sup>28</sup>. A distinção é, dessa forma, própria da faculdade superior, o intelecto: “Minha alma conhece alguns objetos distintamente (§522). A faculdade de conhecer alguma coisa distintamente é a faculdade cognitiva superior, o intelecto (...)”<sup>29</sup>.

Comparativamente, podemos dizer que a divisão entre faculdades inferiores e superiores de acordo com o critério de clareza e obscuridade, é assim, mantida segundo a mesma perspectiva de Leibniz, para o qual a sensação era o campo da confusão e da obscuridade, enquanto que o intelecto era caracterizado pela distinção. Essa concepção será em vários momentos criticada por Kant, conforme apresentaremos no próximo tópico, que considera esse critério de classificação entre as faculdades como meramente lógico.

#### **4. A referência histórica: alguns apontamentos de Kant ao conceito de obscuro em Leibniz e Baumgarten**

Para a elaboração de um conceito de representação não-consciente, ou inconsciente, Kant contava com uma longa tradição anterior com a qual havia travado um exaustivo debate. Partindo de Leibniz, essa tradição racionalista composta por Wolff, Meyer e Baumgarten, vai teorizar acerca da representação, onde o conceito de obscuro aparecerá como uma privação e como característica distintiva da faculdade inferior, a sensibilidade<sup>30</sup>. Kant não era indiferente a tais teorizações. A tradição racionalista desempenha mesmo uma real importância para o conceito de representação inconsciente em Kant, pois “(...) Kant, para sua discussão da possibilidade das representações inconscientes, até certo ponto, conta com os racionalistas antecedentes”<sup>31</sup>. Em suas aulas de Metafísica e Lógica, Kant utilizou por vários anos as obras de Meier e Baumgarten<sup>32</sup>, sendo que este último constituiu uma referência importante para Kant no que se refere à elaboração de uma ulterior disciplina, a Antropologia:

---

<sup>28</sup> *Estética*, §3- itálico nosso.

<sup>29</sup> *Metafísica*, §624- tradução nossa.

<sup>30</sup> A identificação desta tradição racionalista é feita por Heidemann (2012).

<sup>31</sup> HEIDEMANN, 2012, p. 39. Tradução nossa.

<sup>32</sup> ROCCA, 2007, p.76.

Nos primeiros anos da década de 1770, a antropologia era uma disciplina incipiente. Kant achava conveniente incluí-la no currículo da formação universitária porque considerava que poderia ser proveitosa para os estudantes. (...). Desde 1772 e durante mais de quinze anos ensinou antropologia, empregando como fonte particularmente a *Metafísica* de Baumgarten, particularmente a seção da psicologia empírica<sup>33</sup>.

Entretanto, a leitura de Kant destes autores é, particularmente, crítica com relação à terminologia empregada por eles<sup>34</sup>, bem como a determinados conceitos. Será através dessa crítica empreendida através do diálogo com tais obras que mais propriamente emergirá a concepção ou ‘teoria’ do inconsciente na filosofia de Kant. Dada à limitação e conforme a proposta deste trabalho, apresentaremos então algumas destas críticas de Kant no que se refere à concepção de Leibniz e Baumgarten.

Em várias obras, Kant destaca o equívoco de Leibniz, ou da tradição Leibniz-Wolfiana, com relação ao termo *confuso*. Uma representação, conforme Kant, ou é clara, ou obscura. Se a clareza se estende ‘à composição da representação’ se chama distinta<sup>35</sup>, do contrário, é *indistinta*. A representação distinta, pois, não pode se opor à confusa, conforme a terminologia utilizada por Leibniz, assim como Wolff, conforme já frisamos, já que “Aquilo que é confuso tem de ser composto; pois no simples não há ordem, nem confusão. Esta última é, pois, a causa da indistinção, não a definição dela”<sup>36</sup>. Ainda nos *Manuais dos cursos de Lógica* – ou como é conhecida, ‘Lógica *Jäsche*’ – ao mencionar explicitamente Wolf e seus discípulos, a mesma crítica é apontada com relação ao termo:

Os discípulos de Wolf chamam confusa (*verworrene*) a representação indistinta. Mas a expressão é impropria, pois o oposto da confusão (*Verwirrung*) não é a distinção (*Deutlichkeit*), mas a ordem (*Ordnung*). Sem dúvida a distinção é um efeito da ordem e a indistinção um efeito da confusão, e todo conhecimento confuso é também indistinto. Mas não vale a proposição inversa-todo conhecimento indistinto é confuso-, pois, nos conhecimentos em que não há multiplicidade, não há ordem, mas não há também confusão<sup>37</sup>.

---

<sup>33</sup> MARTINEZ, 2014, p.28. Tradução nossa.

<sup>34</sup> HEIDEMANN, 2012, p. 39.

<sup>35</sup> *Antropologia*, AK138

<sup>36</sup> *Idem*, AK138.

<sup>37</sup> *Lógica*, AK34

Além desta crítica terminológica, Kant empreende uma segunda crítica que se refere à distinção conceitual contida nos conceitos de representação clara e obscura, sendo esta segunda objeção direcionada tanto a Leibniz quanto a Baumgarten.

Conforme Kant, a clareza e a obscuridade não podem servir de critério de distinção entre faculdades superiores e inferiores, sensibilidade e intelecto<sup>38</sup>. No caso de Leibniz, conforme exposto anteriormente, as ideias sensíveis são sempre confusas por provirem dos sentidos, enquanto o intelecto é sempre o âmbito da verdade e da distinção e, portanto, da clareza. O mesmo se aplica a Baumgarten, em sua obra *Metafísica*, que concebe o ‘reino da luz’ como o campo próprio da faculdade superior, o intelecto, e o ‘reino das trevas’, ao sensível. De acordo com Kant, essa concepção é equivocada, pois a sensibilidade e o intelecto podem tanto ter representações claras, quanto obscuras. É assim que:

(...) o sensitivo é mal definido como aquilo que se conhece mais confusamente e o intelectual como aquilo cujo conhecimento é distinto. (...). Os sensitivos podem ser absolutamente distintos e os intelectuais maximamente confusos<sup>39</sup>.

Da mesma maneira, o critério de ‘clareza-obscuridade’ leva em conta apenas um aspecto lógico, meramente formal, com o qual a filosofia de Kant inaugura definitivamente uma nova concepção: o aspecto que distingue as faculdades entre inferior e superior, é o aspecto transcendental, a sensibilidade como uma passividade, como receptividade das sensações e o intelecto como uma espontaneidade da apercepção<sup>40</sup>. Conceber a sensibilidade como o campo de representações confusas<sup>41</sup> e o intelecto como o campo da distinção, consiste em um grande erro inaugurado pela tradição Leibniz-wolfiana, conforme observa Kant:

---

<sup>38</sup> Sobre essa questão, Heidemann comenta que “(...) For Kant objects to the Leibnizian-Wolffian distinction between sensibility and understanding in terms of the ‘distinct-indistinct’ that this distinction is inaccurate since it is purely logical.” (2012, p. 49)

<sup>39</sup> *Dissertação de 1770*, §7.

<sup>40</sup> *Antropologia*, AK141

<sup>41</sup> Ainda sobre tal ponto, na *CRP* (B60): “Imaginar, pois, que a nossa sensibilidade não fosse mais do que a representação confusa das coisas, contendo simplesmente aquilo que pertence a elas em si mesmas, mas apenas como um amontoado de características e representações parciais que não pudéssemos separar umas das outras conscientemente, seria uma deturpação dos conceitos de sensibilidade e fenômeno e tornaria inútil e vazia toda a doutrina dos mesmos.”

A filosofia Leibniz-wolffiana adotou por isso um ponto de vista inteiramente equivocado, em todas as investigações sobre a natureza e a origem de nossos conhecimentos, ao considerar meramente lógica a diferença entre sensibilidade e o intelecto, quando ela é na verdade transcendental e não diz respeito somente à forma da clareza ou obscuridade, mas sim à origem e ao conteúdo dos mesmos (...)<sup>42</sup>.

## **5. O conceito de Inconsciente em Kant**

Em uma passagem da *Crítica da razão pura*<sup>43</sup>, Kant desenvolve uma breve reflexão para chegar ao termo ideia, onde apresenta, tendo este objetivo em vista, uma escala de várias espécies de representação. Do gênero da representação em geral (*Vorstellung überhaupt*), segue-se portanto, a primeira espécie, a representação com consciência (*Vorstellungen mit Bewusstsein*), a partir da qual se seguirá novas classificações até o ponto pretendido por Kant, a ideia<sup>44</sup>.

Naturalmente, a partir deste fato, surge a seguinte questão: qual seria, então, o outro ramo da ‘representação em geral’ não tratado sistematicamente por Kant nesta (e talvez em nenhuma outra) passagem? A suposição óbvia é a de que este ramo tácito se refere às representações opostas àquelas mencionadas por ele, a saber, as ‘representações sem consciência’ (*Vorstellungen ohne Bewusstsein*).

Portanto, ao tratar explicitamente das representações com consciência (*mit Bewusstsein*), Kant remete implicitamente na *CRP* a outra forma de representações: aquelas sem consciência (*ohne Bewusstsein*). Em suas palavras: “o gênero e a representação em geral (...), sob ela está a representação com consciência”<sup>45</sup>. A respeito desta classificação, V. Rohden<sup>46</sup> comenta que “(...) sob as representações em geral poderia supor-se um segundo grupo, o das representações sem consciência (...)”, isto porque – continua ele – segundo a escala de Kant, “todas as demais representações que se seguem são especificações desta representação com consciência”.

De fato, enquanto nesta passagem apresenta-se apenas uma indicação implícita de uma espécie de representação, as sem consciência, em outras obras – como é o caso da

---

<sup>42</sup> *Crítica da Razão Pura*, B61.

<sup>43</sup> B376-7

<sup>44</sup> Ver a classificação completa das representações em geral em BRITO e SOUZA, (2015, p. 322).

<sup>45</sup> B376

<sup>46</sup> 2009, p. 3

*Antropologia de um ponto de vista pragmático*<sup>47</sup> –, Kant afirmará explicitamente a existência de tal espécie de representações. Porém, um conceito definido para tais representações apenas pode ser encontrado se recorrermos a várias obras do filósofo, pois Kant tratará deste tema de forma dispersa, no sentido de que não dedica um livro a questão, mas tece considerações ora breves, ora mais extensas em obras diversas. Quando realizado este empreendimento, podemos, contudo, identificar um conceito de representações sem consciência, ou inconscientes, considerando dois principais aspectos: primeiro, analisando o sentido empregado por Kant aos termos obscuro e inconsciente; segundo, identificando a existência de representações inconscientes nos mais variados campos – tais como o campo da sensação ou da sensibilidade, o campo teórico, o prático e o estético. Apresentaremos em seguida esses dois pontos.

Kant apresenta uma terminologia variada para tratar das representações sem consciência. Tendo isto em vista, podemos destacar particularmente dois termos: inconsciente (*unbewusst*) e obscuro (*Dunkel*)<sup>48</sup>.

De acordo com Kant, a consciência possui uma determinada gradação<sup>49</sup> que varia entre a clareza, a distinção e a obscuridade. A última gradação, a obscuridade, é caracterizada pela debilidade da consciência ou, mais exatamente, por um *grau* mínimo de consciência. As representações caracterizadas por esse grau são sempre mediatizadas por outras, ou seja, são representações das quais não se tem um acesso direto pela consciência:

(...) Podemos ser *mediatamente* conscientes de ter uma representação, mesmo que não sejamos imediatamente conscientes dela. – Tais representações se chamam então *obscuras*, as restantes são *claras*, e se a sua claridade se estende às representações parciais de um todo delas e à sua ligação, são *representações distintas*, do pensar ou da intuição.<sup>50</sup>

Já o termo inconsciente (*unbewusst*), aparece em poucas obras de Kant, e sempre em sentido adjetivado (nunca um substantivo, *Unbewusst*, como, por exemplo, em Freud).

---

<sup>47</sup> Sobretudo, na seção *Das representações que temos sem delas sermos conscientes* (§5).

<sup>48</sup> A existência de outros termos que Kant utiliza para se referir às representações inconscientes (como *Gewissenlos* e *Gewissenlosigkeit*, que designa uma inconsciência no campo prático) já foi tratada mais adequadamente em outro trabalho, *As representações sem consciência em Kant* (Souza, L. E. R.; Brito, A. B. S., 2015).

<sup>49</sup> “Há incontáveis *graus* de consciência, portanto até seu desaparecimento” (*CRP*, B415, itálico acrescentado).

<sup>50</sup> *Antropologia*, AK135.

Podemos destacar duas referências em que o termo é utilizado no original alemão, são eles, os textos dos *Manuais dos cursos de lógica geral*<sup>51</sup> e a *Antropologia de um ponto de vista pragmático*<sup>52</sup>.

Ao optar por dois termos diferentes, obscuro (*Dunkel*) e inconsciente (*unbewusst*), poderíamos pressupor uma determinada diferença semântica entre os dois, entretanto, como não é precisamente o foco do trabalho presente empreender tal análise, utilizaremos, de modo geral, o termo inconsciente como referindo-se a representações que estão fora da consciência. À princípio, podemos tranquilamente trabalhar com a acepção mais abrangente deste termo, como então procedem alguns comentadores<sup>53</sup>.

As representações inconscientes, conforme Kant, estão presentes nos mais variados campos, desde a sensibilidade, passando pelo campo teórico, prático e estético<sup>54</sup>. Os exemplos são, quanto a esse ponto, abundantes nas obras de Kant: no campo da sensibilidade, são obscuras certas representações que são mediatizadas por outras, é o caso da percepção da via láctea<sup>55</sup>, ou de um homem em prado<sup>56</sup>. Em ambos os casos, não há uma consciência das partes constituintes de cada representação, senão de maneira *mediatizada*: no caso primeiro, as estrelas individuais da via láctea só podem ser percebidas pela mediação do telescópio<sup>57</sup>, e no segundo, a conclusão de que de fato seja um ser humano que vejo, mesmo não estando consciente das partes que lhe são constituintes, como, a boca,

---

<sup>51</sup> “O exercício de nossas faculdades também se faz segundo certas regras, que seguimos inicialmente, inconscientes [*unbewusst*] delas, até que, mediante tentativas e um demorado uso de nossas faculdades, chegamos ao seu conhecimento (...). Do mesmo modo, a gramática geral, por exemplo, é a forma de uma língua em geral. Mas falamos mesmo não conhecendo a gramática, e quem não a conhece e, no entanto, fala, possui na verdade uma gramática e fala segundo regras de que não tem consciência (itálicos acrescentados)” (*Lógica*, Ak11).

<sup>52</sup> “O sono é, pela definição da palavra, o estado de incapacidade, em um ser humano saudável, de poder se tornar consciente das representações dos sentidos externos. Encontrar a definição real dele cabe aos fisiologistas – aos quais compete esclarecer, se puderem, esse relaxamento que é ao mesmo tempo uma recuperação de forças para a renovação da sensação externa (mediante o qual o homem se vê no mundo igual a um recém-nascido e durante o qual transcorre, inconscientemente (*unbewusst*) e sem pesar, um terço de nosso tempo de vida)” (*Antropologia*, AK166).

<sup>53</sup> Por exemplo, La Rocca (2008) e Heidemann (2012).

<sup>54</sup> Essa divisão entre esses campos é meramente formal, admitida apenas para elencar os numerosos exemplos de Kant. No caso da sensação, dizemos de representações inconscientes que se referem particularmente aos exemplos relacionados com a sensação (é o caso de percepções visuais, *Antropologia*, AK135- 136). O campo teórico abarca exemplos relacionados a esse âmbito, como já mencionado no texto a respeito do conceito. O mesmo se sucede ao campo prático e estético. Essa é uma forma de elencar comum aos comentadores (nota de rodapé n.4).

<sup>55</sup> *Lógica*, AK35

<sup>56</sup> *Antropologia*, AK135

<sup>57</sup> *Lógica*, AK35

nariz, olhos, etc., é feita por inferência dessas representações parciais das quais não se tem consciência<sup>58</sup>.

No âmbito teórico há também representações inconscientes, como na definição de um conceito, tanto empírico, como aquele dado a *priori*, pois o conceito “(...) tal como é dado, pode conter muitas representações obscuras que não percebemos ao analisá-lo, muito embora o utilizemos sempre na aplicação (...)”<sup>59</sup>. Também o entendimento, embora sempre seja capaz de obter um resultado correto, conserva grande parte de seus fundamentos de uma maneira inconsciente:

O certo é que, se a solução de uma questão se baseia nas regras universais e inatas do entendimento (...), é mais inseguro buscar princípios estudados e artificialmente estabelecidos (...) e tirar sua conclusão de acordo com eles, do que deixar a decisão aos fundamentos-de-determinação do juízo que se encontram em massa na obscuridade da mente, a que se poderia chamar de *tato* lógico, onde a reflexão torna representável o objeto por muitos lados e obtém um resultado correto, sem se tornar consciente dos atos que ocorrem no interior da mente<sup>60</sup>.

No domínio prático, também grande parte dos fundamentos da moralidade permanecem inconscientes ou obscuros ao ser humano, o que não impede de tonarem-se claros pela própria atividade filosófica:

Os princípios da *moralidade* e da metafísica se encontram em nós em *obscuridade*, e o filósofo tão somente nos aclara e desvela. É como se este jogasse um raio de luz sobre o ângulo obscuro de nossa alma<sup>61</sup>.

No campo estético, a imaginação é a faculdade que estando menos sobre a pressão das outras faculdades, embora esteja em concordância com o entendimento, seja sempre capaz de mais originalidade<sup>62</sup>. Dentre tantos exemplos de uma atividade inconsciente na imaginação, pode ser citado o caso da elaboração do ideal da beleza, onde a imaginação ‘sabe de um modo totalmente incompreensível a nós’, evocar incontáveis conceitos e imagens passados, sendo ainda capaz de compará-los entre si e deles extrair um

---

<sup>58</sup> *Antropologia*, AK135

<sup>59</sup> *Crítica da Razão Pura*, B756.

<sup>60</sup> *Antropologia*, AK139

<sup>61</sup> *V-Anth/Collins*, AA 25: 24, Apud, MARTINEZ, 2014- tradução e grifos nosso.

<sup>62</sup> *Antropologia*, AK225

intermediário<sup>63</sup>; e ainda o exemplo do músico compondo uma *fantasia*<sup>64</sup>, improvisando livremente, ajuíza acerca de cada uma das notas de maneira inconsciente:

(...) Quando um músico toca com dez dedos e ambos os pés uma fantasia ao órgão, e ainda fala com alguém que se encontra ao seu lado, um grande número de representações é em poucos instantes despertado na alma, representações que exigiriam, para a escolha de cada uma delas, um juízo particular sobre sua adequação, porque um só movimento de dedo destoando da harmonia seria imediatamente percebido como dissonância; e no entanto o todo produz tal resultado, que o músico, improvisando livremente, desejaria com frequência conservar, em notação musical, algumas das peças executadas por ele, peças que, por mais que se aplique, talvez não tenha esperança de realizar de novo tão bem<sup>65</sup>.

## **6. Considerações finais**

Levando em consideração este breve retorno histórico a algumas referências importantes para a concepção da temática tratada em Kant, agora temos condições de, mais propriamente, apontar o que representa um conceito de inconsciente na filosofia de Kant, sobretudo, frente aos autores com os quais mantém um diálogo crítico, no caso, Leibniz e Baumgarten.

De um lado, embora Leibniz seja uma figura importante no que se refere à formulação de um conceito de inconsciente, inaugurando essa discussão na modernidade para os filósofos de linha racionalista, o conceito de obscuro, de um inconsciente, permanece limitado ao âmbito de uma faculdade inferior, às representações sensíveis e às ideias que delas provêm. De outro, embora Baumgarten tenha uma concepção mais positiva do inconsciente, enquanto o obscuro como o que constitui o *fundo da alma*, que pode mesmo constituir uma parte da representação clara (o confuso), ainda sim, continua limitado ao campo do sensível, ao passo que não pode estar presente na faculdade superior, o intelecto, o qual é constituído apenas de representações distintas.

---

<sup>63</sup> *Crítica da Faculdade do Juízo*, B57.

<sup>64</sup> A *Fantasia* foi um gênero musical tipicamente alemão do século XVIII. Consistia em uma livre improvisação, em detrimento das regras formais da composição. A esse respeito, Kneller comenta que na *Fantasia* “(...) A tarefa do músico era “instigar e acalmar muitas emoções na conclusão” e “efetuar a repentina mudança inesperada de uma emoção para a outra” de forma que “a emoção do público domine (...)” (KNELLER, p. 175). O exemplo do músico compondo uma *Fantasia*, como ilustrando uma representação da qual não se tem consciência, já é brevemente aludido por Kant na *Crítica da razão pura* (B415n.)

<sup>65</sup> *Antropologia*, Ak136;

Por sua vez, em Kant podemos destacar que o uso do conceito de obscuro enquanto grau, e a introdução de um novo termo, o *unbewusst* para designar inconsciente, remetem para uma concepção diferente da que é apresentada por Leibniz e Baumgarten. Deste modo, Kant confere uma autonomia para as representações inconscientes, compreendendo-as como um gênero próprio de representações, distinguindo a sua concepção de forma original destes dois filósofos.

A leitura crítica que Kant realiza de Leibniz e Baumgarten contribui assim para sua própria teoria acerca do que seja um inconsciente, que não se limita apenas ao campo da sensibilidade, mas está presente nos mais diversos campos, o teórico, o prático e o estético, conforme aponta os exemplos que citamos. Assim, o inconsciente pode ser identificado como um gênero amplo de representações, junto o qual as representações conscientes, ou ‘iluminadas’ pela consciência, constituem apenas uma pequena e limitada parte: “que, por assim dizer, no grande mapa de nosso espírito só haja *poucos lugares iluminados*, isso pode nos causar espanto com relação a nosso próprio ser (...)”<sup>66</sup>. Da mesma maneira, esse âmbito inconsciente não representa uma privação ou falta, como podem supor a divisão entre faculdade superior e inferior em Leibniz e Baumgarten, mas um campo ativo e positivo que não “(...) constitui mais uma primeira classe profunda da atividade representativa, que deve ser superada, mas uma dimensão penetrante, cujo efeito se sente em todo âmbito da atividade mental”<sup>67</sup>.

Assim, embora a importância de Kant seja ainda considerada apenas relativamente quanto à constituição do conceito de inconsciente<sup>68</sup>, a contribuição do filósofo representa um importante diferencial quando recorremos à concepção de seus predecessores. Em Kant, podemos concluir que a representação inconsciente é tanto quantitativamente numerosa à medida que “(...) o campo das representações obscuras é o maior no ser humano”<sup>69</sup>, quanto qualitativamente importante por entrar na atividade de todas as faculdades por participar na percepção dos sentidos, na formação de conceitos, no campo da moral e na atividade da imaginação no âmbito da estética.

---

<sup>66</sup> *Antropologia*, Ak135-italico nosso.

<sup>67</sup> ROCCA, 2007, p. 79. Tradução nossa.

<sup>68</sup> Conforme observa ROCCA (2007, p.64)

<sup>69</sup> *Antropologia*, AK136.

## Referências

- KANT, I. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Trad. Cléia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Dissertação de 1770*. Trad. António Marques. Lisboa: Casa da moeda.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da razão pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. São Paulo: Ed. Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valerio Rohden. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Manual dos cursos de Lógica geral*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2006. Edição Bilíngue.
- LEIBNIZ, G. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Col. Os pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Discurso de metafísica*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os pensadores).
- \_\_\_\_\_. *A Monadologia*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Col. Os pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Meditationes de cognitione, veritate et ideis*. (1684). In: *Die philosophischen Schritten von Gottfried Wilhelm Leibniz*, vol. 4, Berlim, 1980.
- BAUMGARTEN, G.A. *Estética. A lógica da arte e do poema*. Trad. Mirian Medeiros. Rio de Janeiro: Editora: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Metaphysics*. Trad. Courtney D. Fugate and John Hymers. Nova York: Bloomsbury, 2014.
- HEIDEMANN, D. H. “The ‘I Think’ must be able to accompany all my representations”. In: GIORDANETTI, P; POZZO R; SGARBI M (Org.) *Kant’s Philosophy of the Unconscious*. Berlim/Boston: Walter de Gruyter, 2012.
- KNELLER, J. *Kant e o poder da imaginação*. São Paulo: Ed. Madras, 2010.
- LA ROCCA, C. (Org.). *L’intelletto Oscuro. Inconscio e Autocoscienza in Kant* In: *Leggere Kant. Dimensioni della filosofia critica*. Pisa: Edizioni ETS, 2007.
- MADRID, S. N. A Linneaus of Human Nature: The pragmatic Deduction of Unconscious Thought in Kant’s Lectures on Anthropology. *Kant’s Philosophy of the Unconscious*. Berlim/Boston: Walter de Gruyter, 2012
- MARTÍNEZ, L. M. *Las nociones de claridad y oscuridad en los Apuntes de Lecciones de Antropología de la “década silenciosa” de Kant*. In: *Studia kantiana*, São Paulo, n. 17, p.27-50, dez. 2014.
- ROHDEN, V. *Representações não-conscientes em Kant*. In: *Revista AdVerbum*, São Paulo, v. 4, p. 3-9, jan/jul 2009.
- SOUZA, L. E. R.; BRITO, A. B. S. *As representações sem consciência em Kant*. In: *Pensando – Revista de Filosofia*, Piauí, v. 6, Nº 11, p.292-326, 2015.